

## Clemens Heller: do Seminário de Salzburg à Sexta Seção da École Pratique de Hautes Études (EPHE)

WALTER PRAXEDES\*

**Resumo:** Este ensaio aborda a trajetória de Clemens Heller no período entre o final da década de 1940, em que ocorre a sua atuação como fundador do Seminário de Salzburg, até a sua chegada a Paris, para o início de suas atividades como administrador científico da Sexta Seção da École Pratique de Hautes Études da Universidade de Paris. Com o objetivo de tratar os condicionamentos históricos, sociais, políticos e biográficos que incidem sobre os processos de construção de conhecimento, através de uma pesquisa de revisão bibliográfica e documental foram analisadas as ações e relações de colaboração e conflito estabelecidas entre Clemens Heller e os agentes dos campos científicos e do poder, fundações filantrópicas e instituições universitárias, com os quais se envolveu enquanto atuava como animador, organizador de eventos e administrador científico, visando a criação de uma “comunidade intelectual transatlântica” no contexto histórico do início da Guerra Fria.

**Palavras-chave:** Sociologia da ciência; Clemens Heller; Seminário de Salzburg; Sexta Seção da École Pratique de Hautes Études (EPHE).

**Clemens Heller: from the Salzburg Seminar to the Sixth Section from École Pratique de Hautes Études (EPHE)**

**Abstract:** This essay addresses Clemens Heller's trajectory in the period between the late 1940s, when he worked as the founder of the Salzburg Seminar, until his arrival in Paris to start his activities as scientific administrator of the Sixth Section of the École Pratique de Hautes Études at the University of Paris. In order to address the historical, social, political and biographical conditions that affect the processes of knowledge construction, through a bibliographic and document review research, the actions and relationships of collaboration and conflict established between Clemens Heller and the agents were analyzed, from the scientific and power fields, philanthropic foundations and university institutions, with which he became involved while acting as an animator, event organizer and scientific administrator, aiming at the creation of a “transatlantic intellectual community” in the historical context of the beginning of the Cold War.

**Key words:** Sociology of science; Clemens Heller; Salzburg Seminar; Sixth Section of the École Pratique de Hautes Études (EPHE).



\* **WALTER PRAXEDES** é Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo; Professor Associado da Universidade Estadual de Maringá; Membro de corpo editorial da Revista Espaço Acadêmico (UEM) e autor de *Principais correntes da Sociologia da Educação: autores e temas clássicos e contemporâneos* (São Paulo: Contexto, 2021 – em co-autoria com Nelson Piletti) entre outras obras.

## Introdução

Apesar de praticamente desconhecido atualmente do grande público, o nome de Clemens Heller está associado à construção de grandes instituições e programas de pesquisas considerados de excelência e abrangência internacional em ciências sociais e humanas. A partir da organização da primeira edição do Seminário de Salzburg, em 1947, até a sua aposentadoria em 1992, Clemens Heller atuou como gestor da VI<sup>o</sup> Section de *L'École Pratique des Hautes Études* e foi administrador da Fundação *Maison des Sciences de l'Homme*, em Paris, em parceria com Fernand Braudel. Entre as inúmeras iniciativas realizadas por Heller, em 1961 ele fundou a Revista *Social Science Information sur les Sciences Sociales*, que se tornaria um dos principais fóruns de debate da área em todo o mundo.

Em sua autobiografia *Tempos interessantes*, o historiador Eric Hobsbawm descreve o seu amigo Clemens Heller como “o mais original dos empresários intelectuais da Europa de pós-Guerra”, que tinha uma “cultura profundamente cosmopolita. [...] A música e o intelecto eram as paixões que guiavam esse homem de extraordinário calor e generosidade. Uma das recompensas de uma vida longa tem sido sua amizade. (HOBSBAWM, 2002b, p. 359). Pierre Bourdieu, também em seu livro autobiográfico, *Esboço de auto-análise*, se refere a Clemens Heller como um “incomparável animador-agitador científico” (BOURDIEU, 2005, p. 63). E na centésima e comemorativa edição da Revista *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Pierre Bourdieu faz um agradecimento especial a Clemens Heller: “Na longa lista dos que fizeram *Actes de la Recherche*, um lugar especial deve ser reservado para aqueles que imediatamente concederam a esta

publicação a confiança e a ajuda material essencial, como Fernand Braudel e Clemens Heller.” (BOURDIEU, 1993, p. 3)

Ao longo deste ensaio é apresentada uma discussão sobre o início da trajetória de Clemens Heller, no final da década de 1940, entre a fundação do Seminário de Salzburg, em 1947, e a sua chegada à Sexta Seção da *École Pratique de Hautes Études* da Universidade de Paris, em 1949.

Desde 1946 Clemens Heller tentava convencer a associação dos estudantes de Harvard a contribuir para a realização de um seminário de formação para jovens pesquisadores dos Estados Unidos e de vários países europeus, visando a criação de uma “comunidade intelectual transatlântica” (FRIDENSON, 2020, p. 68). Na época, Heller já contava com o apoio da antropóloga norte-americana Margaret Mead. Heller, Mead e mais dois amigos estudantes de Harvard, Scott Elledge e Richard Campbell, conceberam e colocaram em atividade o projeto que mais tarde ficou conhecido como um verdadeiro “*Marshall Plan for de mind*”. Assim nascia um seminário de debates intelectuais sobre relações internacionais, democracia, meio ambiente, história, literatura, cultura e questões sociais que ocorreriam em um imponente palácio antigo localizado nas proximidades da cidade austriaca de Salzburg, entre 15 de julho e 31 de agosto 1947, época de pleno verão, em um ambiente elegante, próximo à natureza e com uma boa comida. “Onde Marshall viu a ajuda econômica como a força vital para reconstruir a Europa dilacerada pela guerra, o jovens fundadores compreenderam a importância de fortalecer e apoiar intelectuais e laços culturais entre europeus e americanos. Com esta ideia ambiciosa, nasceu o

Salzburg Global Seminar”, escreveu Virgínia Hunt (2019).

Não se sabe precisamente quando, como e porque Clemens Heller formulou a ideia de organizar o Seminário. Como escreveu Joachim Nettelbeck (2017, p. 122), “a origem da ideia de Salzburgo permanece obscura”. A decisão de sediá-lo em Salzburg também pode ser o resultado de várias casualidades. Na pesquisa realizada por Fisher (2013), foi constatado que o FBI havia realizado uma investigação sobre a atuação de Clemens Heller em 1943, suspeitando que fosse um espião. Durante as investigações, os agentes coletaram o depoimento de um ex-professor de Heller que havia avaliado muito bem a sua atividade acadêmica. Entretanto, segundo o depoimento coletado junto ao ex-professor de Heller, “dar a ele uma posição como instrutor era impensável, tendo em vista o fato de que seu sotaque era distintamente alemão, e não americano”. (FISHER, 2013, p. 22). Assim, realizar na Áustria o evento que planejava talvez fosse uma tentativa de superar os preconceitos em relação ao seu domínio oral do inglês.

Mas talvez também tenhamos que levar em consideração que em 27 de abril de 1908, portanto, quatro décadas antes da ocorrência do evento que estamos tratando, na mesma cidade de Salzburg, o pai de Clemens Heller, Hugo Heller, estava entre os participantes que ajudaram Sigmund Freud a organizar um encontro que entraria para a história como o primeiro Congresso Psicanalítico Internacional.

Para compreendermos o estilo de atuação de Clemens Heller como animador e organizador de eventos científicos e culturais como o Seminário de Salzburg, temos que levar em consideração o seu *habitus*. Ele nasceu Franz Max Ludwig Clemens Heller, em Viena, na Áustria, em 6 de junho de 1917. Era filho de de

Hugo Heller, livreiro, produtor teatral, amigo e editor das obras de Freud e também apoiador do movimento socialista, tendo trabalhado por um tempo no jornal *Neue Zeit*, revista do Partido Social-Democrata Alemão, que era dirigida por Kaustky e publicava os textos de Marx e Engels. Em sua própria editora Hugo Heller publica os primeiros livros de Freud e edita a revista de psicanálise *Imago* (PLESKOFF, 2017). Edita também as obras de autores como Thomas Mann, Rilke, entre outros. Em 1916, Hugo Heller se casa com a mãe de Clemens, Edwig Neumair, que dirigia uma agência de concertos e era animadora de movimentos culturais, artísticos, literários e científicos de vanguarda. Nettelbeck avalia que Clemens Heller viveu sua infância e adolescência em um ambiente muito animado de cultura e ciência e o papel de seus pais em relação aos artistas, trabalhando para afirmá-los perante o público, mas mantendo-se em um “segundo plano, foi um modelo para ele”. (NETTELBECK, 2017, p. 125). Hugo Heller falece em 1923, quando Clemens tinha 6 anos. Em 1938, vivendo em um país ocupado pelas tropas nazistas, Clemens muda com seu irmão para os Estados Unidos, obtendo a cidadania americana e estudando em várias universidades, incluindo Harvard, em que iniciou seus estudos de doutorado.

Para a realização do seminário intelectual que planejava, Clemens Heller conseguiu o palácio Leopoldskron, em Salzburg, que seria emprestado por uma amiga, a atriz Helene Thimig, então moradora de Nova York, e que não pretendia voltar para a Áustria, após a morte do marido, Max Reinhardt, produtor de filmes de Hollywood, com quem vivera no Castelo até antes da Segunda Guerra. Durante a Guerra o Palácio foi confiscado e ocupado pelos nazistas. Depois da retomada do Palácio pelas tropas

americanas, ele foi devolvido à viúva Helene Thimig. O pai de Clemens Heller, Hugo Heller era amigo de Max Reinhardt e o visitou algumas vezes em Salzburg. O próprio Clemens Heller participou de um Seminário de atuação e direção de Max Reinhardt. Segundo Hobsbawm (2002b, p. 359), “Clemens começou a carreira como aluno da Escola de Teatro de Max Reinhardt e acabou sendo mandado para os Estados Unidos quando Hitler chegou à Áustria”.

Clemens Heller e Helene Thimig se encontraram em uma estação de metrô, em Nova York. Nesse encontro, segundo Joachin Nettelbeck (2017, p. 125), “Ela reclamou de seu sofrimento”, em razão da morte do marido, e comentou “que não sabia o que fazer com o castelo Leopoldskron. Ele sabia.” Ela ouviu e ficou entusiasmada com a ideia do Seminário, se dispondo imediatamente a ajudar Heller a realizá-la (Salzburg Global Seminar, 2021). Durante a guerra, o castelo passou para a jurisdição das Forças Armadas americanas e para que ocorresse o Seminário organizado por Heller, foi necessário o apoio dos funcionários do Departamento de Guerra, entre os quais se encontrava Edward F. D’Arms, então prestes a assumir o cargo de Diretor adjunto da Divisão de humanidades da Fundação Rockefeller. (GEMELLI, 2005, p. 268)

As despesas de infraestrutura, alojamento e alimentação durante a primeira edição do Seminário, segundo Smith (1949, p. 33), foram financiadas “por doações de pessoas e fundações filantrópicas. Membros do corpo docente de Harvard serviram como conselheiros, mas o trabalho e a maior parte do planejamento foram feitos por alunos e, desde o início, o seminário foi patrocinado pelo Harvard Student Council”.

Na segunda edição do Seminário, em 1948, Clemens Heller conseguiu o apoio

de Edward F. D’Arms. De acordo com o relatório anual das atividades subvencionadas em 1948, “a Fundação Rockefeller também contribuiu para dois seminários de verão organizados em 1948 por meio do World Student Service Fund. Uma doação de US \$ 13.000 foi destinada ao apoio do Seminário de Salzburg sobre Civilização Americana, onde 90 estudantes de 14 países se reuniram para estudo e discussão.” (Rockefeller Foundation, 2003, [1948], p. 319). O apoio da Fundação ajudou no convencimento de participantes ilustres para o segundo ano do evento, dentre os quais estava o sociólogo Talcot Parsons.

A contribuição da Fundação Rockefeller para o evento foi muito comemorada por Clemens Heller e demonstra a sua habilidade em conquistar apoiadores para as suas iniciativas. De acordo com o Jornal The Harvard Crimson,

Em um movimento sem paralelo em sua história, a Fundação Rockefeller ontem despejou US \$ 13.000 no Seminário de Estudos Americanos de Salzburg do Conselho de Estudantes de 1948, cumprindo assim a exigência orçamentária da escola austríaca de US \$ 30.000. “Esta é a primeira vez que a Fundação confia fundos para uma organização dirigida por estudantes por uma semana em educação internacional.” Clemens Heller, secretário executivo do Seminário, comentou ontem à noite. “O dinheiro chegou em uma única quantia, sem amarras.” Contribuições recentes de líderes financeiros, educacionais e artísticos não apenas equilibraram os livros de 1948, mas acumularam US \$ 20.000 para uso em 1949 e 1950, anunciou Heller. (The Harvard Crimson, 10/03/1948).

Margaret Mead se encarregou de elaborar o primeiro relatório do evento. O “Seminário de Salzburg em civilização americana”, escreveu Mead (1947, p. 1),

foi “conduzido sob os auspícios do Harvard Student Council e do International Student Service, em Leopoldskron, Salzburg, Áustria, durante o verão de 1947, e apresentou muitas características únicas na educação transnacional, nas relações euro-americanas, comunicação nacional e em problemas de convivência e organização em grupo”.

Além dos norte-americanos, a primeira edição do Seminário contou com a participação de quase uma centena de europeus de 17 países, e eram estudantes, professores, artistas, escritores, jornalistas e líderes sindicais selecionados pela comissão organizadora do evento, com base em seus contatos pessoais, recomendações de universidades e ministérios da educação. A comissão organizadora do evento conseguiu recursos para pagar as passagens e despesas com alimentação dos participantes. Na avaliação realizada por Henry Nash Smith (1949, p. 33) logo após as duas primeiras edições do Seminário, “os professores eram tão entusiasticamente comprometidos com os objetivos do seminário que ensinavam sem salário, recebendo apenas transporte e a comida comum, longe de ser luxuosa, de Leopoldskron. Esta demonstração de sinceridade impressionou os estudantes europeus e estabeleceu uma atmosfera de confiança desde o início”.

Nas atividades do seminário cada participante realizava o seu próprio roteiro, escolhendo entre as quatro palestras programadas para as manhãs e as seções de discussão do período da tarde, sobre as quais poderia elaborar e entregar um relatório para os organizadores sobre os temas tratados nas palestras, que abordavam questões jurídicas, políticas, participação sindical, problemas da realidade social contemporânea, história americana,

filosofia, literatura e cinema. Como descreveu Smith,

... a maioria dos alunos tentava assistir a muitas palestras: havia uma ânsia patética de aproveitar as oportunidades oferecidas. Uma vez que professores e alunos viviam juntos vinte e quatro horas por dia sob condições ligeiramente austeras que, apesar das decorações ornamentadas do Schloss, davam um toque monástico à vida cotidiana, havia um decidido senso de esforço cooperativo. O grau de intimidade necessário para uma discussão séria veio rapidamente. Em marcante contraste com a usual situação nas universidades americanas, os professores frequentemente visitavam palestras uns dos outros e participaram de discussões fora de seus próprias especialidades. O senso de comunidade foi fomentado também por várias reuniões plenárias para discussões do fórum e, no final, para avaliação e planejamento da sessão do próximo ano”. (SMITH, 1949, p. 33-34)

Mesmo que ocorressem algumas situações constangedoras na convivência cotidiana, ocasionadas pelos rancores provocados pelos conflitos entre os países europeus durante a Segunda Guerra, acabou prevalecendo um clima de camaradagem entre os participantes, levando ao nascimentos de amizades e relacionamentos afetivos duradouros.

Segundo Patrick Fridenson, os observadores dos serviços de informação norte-americanos que estiveram presentes no Seminário chegaram à conclusão que alguns professores participantes do evento, incluindo o próprio Clemens Heller, haviam se expressado de forma “excessivamente crítica” em relação “à política externa dos Estados Unidos”, chegando a difundir que “o jovem Heller” era um “rouge

dangereux”. Como consequência, segundo Patrick Fridenson,

... o governo militar americano na Áustria anuncia sua intenção de proibir o seminário de 1948. O presidente de Harvard consegue remover essa ameaça. Mas, na ausência do seminário, o machado cai sobre seu inspirador: as autoridades militares proibiram Heller de retornar à Áustria em 1948. O seminário continuaria sendo realizado em Salzburg, mas sem Heller, que era sua alma e garantiu grande parte de sua preparação e, portanto, de seu novo sucesso. (FRIDENSON, 2020, p. 69).

A pesquisa realizada por Serge Benest (2019, p. 161) confirmou que em um relatório de 1947, a CIA manifestava preocupação quanto as “atividades comunistas no seio do Seminário”, e que o próprio Clemens Heller havia “qualificado a ocupação americana na Europa como “colonização”. Heller também foi acusado de atuar na seleção dos participantes do evento, preterindo nomes de professores conservadores em favor dos socialistas. Em abril de 1948, mesmo atuando como secretário executivo do Seminário de Salzburg, Heller foi proibido de entrar em território austríaco. Na realidade, a perseguição a Clemens Heller já ocorria desde 1943. De acordo com a pesquisa realizada por Fisher (2013, p. s/n), em 1943, “Heller foi investigado pelo FBI por espionagem”, mas os investigadores descobriram que os colegas o consideravam incapaz para as ações práticas, em outras palavras, “um sonhador e um pensador utópico”.

Uma nota publicada pelo jornal dos estudantes da Universidade de Harvard, *The Harvard Crimson*, de 06 de outubro de 1948, também confirma que “o austríaco Heller, ex-aluno de pós-graduação de Harvard, deveria ir a Salzburg em maio para assumir a

administração do seminário do Conselho Estudantil, quando o governo militar americano se recusou a conceder-lhe a permissão necessária para entrar na zona ocupada”. De acordo com o relato de dois participantes do Seminário, Frank Sutton e Kenneth S. Lyn, Heller foi procurado por alguns oficiais do Exército Americano em Salzburg durante o evento. Na sequência a nota do jornal informa que

Três oficiais do Corpo de Contra-Inteligência visitaram o seminário na época e descobriram que alguns membros do corpo docente, incluindo Heller, eram críticos da política externa dos EUA. Os oficiais mais tarde escreveram um relatório, que levou à recusa do Exército em readmitir Heller na Áustria, alegando que ele era “indesejável” para as forças de ocupação.

A oposição a Heller também chegou ao Departamento de Estado, que a princípio se recusou a renovar o passaporte de Heller. Ele finalmente teve permissão para deixar os EUA este ano, mas não conseguiu entrar na Áustria.

Quando os oficiais do Conselho Estudantil protestaram, por meio dos professores Merle Fainsod, Benjamin F. Wright, Jr. e Wassily W. Leontieff, o Exército justificou sua ação enviando de volta o que alegou serem comentários feitos por Heller na discussão de Salzburg. (*The Harvard Crimson*, 06 de outubro de 1948)

Em 1948, a edição do seminário de Salzburg acontece como havia sido planejada por Clemens Heller, com os mesmos professores e estudantes que ele havia selecionado e com uma ampliação no financiamento por parte da Fundação Rockefeller e do Governo Militar, segundo Joachin Nettelbeck (2017, p. 125), que conclui: “Apenas Heller fica definitivamente sem visto e não pode

participar. Ele renuncia ao cargo de “Secretário Executivo” em 31 de agosto de 1948, retira-se e muda-se para Paris”.

Refugiado em 1938 nos Estados Unidos em razão da ameaça nazista, nem mesmo a derrota Alemã na Segunda Guerra impediu que Clemens Heller fosse proibido de entrar no próprio país pelas autoridades militares norte-americanas que ocupavam o poder na Áustria, em 1948.

### A parceria com Fernand Braudel

Clemens Heller havia se casado no início de 1948 com a estudante de filosofia da Universidade de Harvard Mathilda Coster Mortimer. Quando o casal decide se mudar para Paris, Mathilda já estava grávida. Os filhos Michael e Yvon nascem em 1949. Segundo Fridenson (2020, p. 70), a ideia do casal escolher a cidade de Paris para viver partiu de Mathilda, que havia nascido em Genebra e na infância viveu com a sua avó em Paris. “Foi ela, com sua forte personalidade, que sugeriu a Heller deixar os Estados Unidos, mas mantendo a nacionalidade americana, e de se instalar com ela em uma cidade que conhecia bem: Paris” (FRIDENSON, 2020, p. 70).

Também temos que levar em consideração que na organização do Seminário de Salzburg, Clemens Heller havia mantido uma ótima colaboração com Edward F. D’Arms, que desde 1947 fora nomeado Diretor adjunto da Divisão de humanidades da Fundação Rockefeller, cujo trabalho era viajar à Europa para “encontrar acadêmicos, administradores e políticos para negociar a concessão de subvenções da fundação para as instituições de ensino e de pesquisa, mas também para a atribuição de bolsas para viagens de estudo (fellowships) para jovens pesquisadores promissores.” (ATTAL, 2010, p. 143)

Depois da sua demissão como Secretário Executivo do Seminário de Salzburg, segundo Fridenson, a partir do fim de 1948, Heller entra em contato com os dirigentes da Unesco e da Fundação Rockefeller para que as duas instituições ajudassem a “financiar um plano para estender o horário de funcionamento e o desenvolvimento das coleções da maior biblioteca parisiense, a da National Foundation for Political Science”. Embora este projeto não tenha obtido sucesso, Heller impressionou os envolvidos na negociação pela sua “firmeza e consistência”. (FRIDENSON, 2020, p. 70)

É preciso recordar também que desde 1946 o historiador Charles Morazé, que participava da equipe que editava a revista *Analles*, com Lucien Febvre e Fernand Braudel, e lecionava na Quarta seção da École Pratique de Haute Études (EPHE) da Universidade de Paris, mantinha contato com o Diretor da Divisão de Humanidades da Fundação Rockefeller, John Marshall, em busca de financiamento para a criação de uma Sexta seção da EPHE, dedicada ao ensino e à pesquisa em ciências econômicas e sociais. Em 3 de novembro de 1947 é assinado o decreto oficial de criação da nova instituição. As negociações entre as partes francesa e americana estavam tão adiantadas que no mês seguinte é elaborado um documento de “Acceptation financement de la fondation Rockefeller pour la création de la Sixième Section de l’EPHE, 2-3 décembre 1947”, assim descrito e comentado por Serge Benest:

Em dezembro de 1947, a Fundação Rockefeller concedeu financiamento de 30.000 dólares (o equivalente a mais de 730.000 euros hoje (2019) para a criação da VI Seção da École Pratique des Hautes Études (EPHE), com a seguinte missão: “as disciplinas tratadas seriam história

crítica, história econômica, direito econômico, direito do trabalho, economia, geografia econômica, pesquisa econômica e social, estatística, cartografia, demografia e economia teórica. O objetivo da Escola é fornecer ensino, pesquisa e pessoal técnico em ciências sociais para universidades e faculdades de direito, para instituições governamentais e privadas e para o Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS) do governo francês.” (BENEST, 2019, p. 85)

A pesquisa realizada por Benest (2019, p. 155), aponta o aparecimento de um descontentamento dos negociadores da Fundação Rockefeller que leva a um afastamento progressivo de Charles Morazé das negociações com a Sexta Seção da EPHE a partir de outubro de 1948: “Desde então, os principais interlocutores da Fundação Rockefeller se tornam Febvre e Braudel, respectivamente presidente e secretário da Seção”. (BENEST, 2019, p. 155). Eric Hobsbawm (2002b, p. 316), também comenta em sua autobiografia que Charles Morazé seria polidamente afastado do poder na revista [Annales] pelo astro ascendente Fernand Braudel”. A partir de outubro de 1950 o próprio Fernand Braudel realiza as negociações com Edward D’Arms, o que favoreceu para que fosse efetivamente realizado o primeiro financiamento da Fundação Rockefeller para a Sexta Seção.

A partir de 1949 Clemens Heller passa a trabalhar como um “gerente de pesquisas” na École Pratiques des Hautes Études ao lado de Fernando Braudel e Lucien Febvre. Desde então, Braudel e Heller se tornaram mais próximos, trabalhando juntos. Anne Kwaschik (2016, p. 12), avalia até que, “olhando para trás, é quase impossível distinguir suas contribuições individuais”. Hobsbawm se refere à Braudel como “o

grande empreendedor acadêmico” e a Heller como “seu extraordinário chefe-de-gabinete” na direção da “Sexta Seção” da École Pratique de Hautes Études: “Braudel, the great academic entrepreneur, with his wonderful chief-of-staff, Clemens Heller” (HOBSBAWM, 2002a, p. 339).

Ao escrever a biografia de Fernand Braudel, Pierre Daix recordou que desde a sua chegada em Paris, os “seus projetos na área das ciências sociais e seu conhecimento das instituições americanas levam Braudel imediatamente a recrutá-lo, tornando-o um dos pilares da VI Seção. Senhor de um vasto horizonte intelectual, diplomático, particularmente indispensável naquelas divisões da Guerra Fria, Heller mostrou-se um colaborador de primeira ordem” (DAIX, 1999, p. 346).

Para o historiador Emmanuel Le Roy Ladurie, Clemens Heller, com sua “cultura anglo-saxônica, formado nas universidades do Leste americano, entendera que o mundo exterior existia. Ele convidava professores estrangeiros, americanos, ingleses, alemães, soviéticos; encontrava o dinheiro fornecido pelas fundações internacionais para financiar diversos projetos de pesquisa” (LADURIE, 2016, p. 218).

Em síntese, como avaliou Maxine Berg, a partir da sua chegada a Paris, Clemens Heller acrescenta à Sexta Seção da EPHE as suas “redes internacionais e sua capacidade de mobilizar as fundações americanas para financiar projetos científicos”, se tornando também “o confidente mais próximo de Braudel (BERG, 2017, p. 43) De acordo com o depoimento de Maurice Aymard,

Fernand Braudel compreendeu imediatamente que Clemens Heller tinha algo inestimável a oferecer: experiência em lidar com as grandes

fundações americanas, notadamente a Ford e a Rockefeller, às quais poderiam recorrer para obter os fundos necessários para criar um centro de pesquisa especializado e lançar programas internacionais ambiciosos, e uma abertura para o mundo com base em sua experiência pessoal e um talento único para negociação e persuasão”. (AYMARD, 2003, p. 285)

### **Considerações finais**

Adotamos a perspectiva de uma sociologia histórica da ciência para melhor dimensionarmos todos essas situações, eventos e relações observados na trajetória de Clemens Heller no final da década de 1940. A ideia é superar uma abordagem do tempo curto da vida cotidiana dos indivíduos em favor de uma interpretação que contextualize esses acontecimentos em uma perspectiva social e histórica de longa duração, como propõe Fernando Braudel (2014, p. 71), o amigo confiante, parceiro e apoiador de Clemens Heller na gestão científica da Sexta Seção da EPHE.

A Sociologia da Ciência possibilita a investigação dos condicionamentos que incidem sobre a realização da pesquisa científica. Pesquisar o início da trajetória de Clemens Heller como administrador de instituições no campo científico francês possibilita a reconstituição dos processos de construção das condições financeiras e institucionais que viabilizaram a realização de um grande número de iniciativas científicas que se tornaram referências nos campos científicos internacionais na segunda metade do Século XX. Como apontou Hochman (1990, p. 299),

as disputas sobre o caráter especial do conhecimento e da prática científica, entre autores e perspectivas, nos campos da história, da filosofia e da sociologia da ciência, independentemente do que

reivindiquem, terminam, quase sempre, de alguma maneira referindo-se aos indivíduos ou grupos de indivíduos que, na sociedade moderna, são considerados, por motivos que também são razão de disputa, os legítimos praticantes dessas atividades, produtores de conhecimento e árbitros do que seja ciência. De qualquer forma, e com isso todos concordam, acostumou-se a chamar esses indivíduos de cientistas”.

Podemos considerar que existe uma carência de pesquisas sobre aqueles agentes que ao atuarem como gestores de instituições científicas, como foi o caso de Clemens Heller, podem ser considerados como viabilizadores das iniciativas desenvolvidas pelos cientistas. Para compreendermos a atuação de Clemens Heller desde a fundação do Seminário de Salzburg até o início de sua participação como administrador científico na Sexta Seção da EPHE, podemos levar em consideração que no campo científico estadunidense, entre as décadas de 1920 e 1950, como afirmou Charles Wright Mills (1982, p. 115), “a instituição de pesquisa é também um centro de treinamento”, que passou a ser gerida por administradores intelectuais que desempenham a função de “executivos da inteligência”, intermediando as relações entre as instituições de pesquisa e as agências de fomento, públicas ou privadas, tendo em vista a captação e a gestão de recursos financeiros para pesquisas, construção de instituições, arquivos, bibliotecas, laboratórios, financiamento de viagens de intercâmbio acadêmico, edição e publicação de revistas e livros e organização de encontros acadêmicos nacionais e internacionais. Clemens Heller introduziu essa modalidade de atuação como administrador científico na França, desde a sua chegada ao país no final da

década de 1940, posteriormente dividindo as tarefas administrativas mais formais com Louis Velay.

Por outro lado, o processo histórico de Guerra Fria com a URSS levou os EUA e as Fundações Filantrópicas americanas à implementação de inúmeras iniciativas de fomento à investigação científica e difusão cultural, tendo em vista a conquista de legitimidade para as políticas daquele país no contexto internacional posterior à Segunda Grande Guerra.

A trajetória de Clemens Heller no campo científico francês se caracteriza pelo exercício de uma mediação entre as demandas dos professores e pesquisadores universitários por recursos para a pesquisa junto às Fundações Filantrópicas norte-americanas, principalmente Rockefeller e Ford, que, por sua vez, preconizavam uma concepção política de ciências sociais favoráveis à difusão da influência política e cultural dos EUA no contexto da Guerra Fria com a URSS (FRIDENSON, 2020, p. 66).

Clemens Heller foi um importante intermediador do financiamento norte-americano ao campo científico francês, a partir da década de 1950, até sua aposentadoria em 1992, atuando de forma a contribuir para que os pesquisadores subvencionados conseguissem, ao mesmo tempo, ter acesso ao financiamento estrangeiro, mas também “resistir metodicamente à vontade epistemológica de impor uma ciência orientada para o controle social” (BOURDIEU, 1988, p. I-II). O crescente processo de institucionalização do campo científico francês a partir do início da década de 1950, com a fundação de inúmeras instituições de pesquisa, laboratórios, arquivos, bibliotecas, centros de estudos e revistas científicas demandou uma grande soma de recursos

que não estavam disponíveis no país, e por isso muitos professores e pesquisadores franceses e de vários outros países recorreram às gestões de Clemens Heller para a captação e a administração dos recursos necessários para o fomento às suas iniciativas.

### Referências

ATTAL, Frédéric. “Reconstruire l’Europe intellectuelle: les sciences sociales en Italie (1945-1970). In: TOURNÈS, Ludovic. L’argent de l’influence: Les fondations américaines et leurs réseaux européens. Autrement. Autrement, pp.208, 2010, Mémoires/culture. ffhalshs-00651570

AYMARD, Maurice. “In memoriam Clemens Heller (1917-2002)”. *Social Science Information*. Vol. 42. N. 3 London, 2003.

BERG, Maxine. Dialogues est-ouest: les historiens économistes, la Guerre Froide et la Détente. La Découverte. «Le Mouvement Social » 2017/2 n° 259 | pages 33 a 58

BENEST, Serge. Recomposition de l’ordre disciplinaire et analyse des faits économiques: le cas de la VIe Section et de l’Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales. Economies et finances. Université Paris Saclay (COMUE), 2019.

BOURDIEU, Pierre. Esboço de auto-análise. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. Editorial. In: Actes de la recherche en sciences sociales. Vol. 100, décembre 1993. pp. 3-4; [https://www.persee.fr/doc/arss\\_0335-5322\\_1993\\_num\\_100\\_1\\_3066](https://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1993_num_100_1_3066) Acesso em 18/06/2021

\_\_\_\_\_. Préface. In: Brigitte Mazon, *Aux origines de l’École des hautes études en sciences sociales. Le rôle du mécénat américain (1920-1960)* (préface de Pierre Bourdieu, postface de Charles Morazé), Paris, Éditions du Cerf, 1988, 190 p.

BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a história*. São Paulo, Perspectiva, 2014.

BRUHNS, Hinnerk; NETTELBECK, Joachim; AYMARD, Maurice. *Clemens Heller, Impresario des sciences de l’homme*. Paris: Maison des Sciences de l’Homme, 2017.

DAIX, Pierre. Fernand Braudel uma biografia. Rio de Janeiro: Record, 1999.

DILLON, Wilton S. *Smithsonian Stories: Chronicle of a Golden Age, 1964-1984*

FISHER, Ali. *Collaborative Public Diplomacy How Transnational Networks Influenced American Studies in Europe*. New York, Palgrave MacMillan, 2013

FRIDENSON, Patrick. *Clemens Heller et les échanges transatlantiques dans le domaine des sciences sociales et des institutions de la recherche*. Presses Universitaires de France. *Relations internationales* » 2020/1 n. 181 | pp. 65-85. Article disponible en ligne à l'adresse: <https://www.cairn.info/revue-relations-internationales-2020-1-page-65.htm>. Acesso em 13/04/2021

GEMELLI, Giuliana. *Fernand Braudel: Biografía intelectual y diplomacia de las ideas*. València, Publicacions de la Universitat de València, 2005.

HOBSBAWM, Eric. *Interesting Times*. Londres: Allen Lane, 2002.

\_\_\_\_\_. *Tempos interessantes - Uma vida no século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Hunt, Virginia. *Salzburg Global Seminar Records Come to Harvard*. Disponível em: <https://library.harvard.edu/about/news/2019-10-18/salzburg-global-seminar-records-come-harvard> Acesso em 23/04/2021

HOCHMAN, Gilberto. "A ciência entre a comunidade e o mercado: lituras de Kuhn, Bourdieu, Latour e Knorr-Cetina". In: PORTOCARRERO, Vera (org.). *Filosofia, história e sociologia das ciências I: abordagens contemporâneas*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994, pp. 199-231.

KWASCHIK, Anne. *Transatlantic Exchanges: Fernand Braudel, the Rockefeller Foundation and the Cold War Origins of the Center for Area Studies in Paris*. In: *La guerre froide et l'internationalisation des sciences: Acteurs, réseaux et institutions* [en ligne]. Paris: CNRS Éditions, 2016 (généré le 23 avril 2021).

LADURIE, Emmanuel Le Roy. *Paris-Montpellier*. Paris, Éditions Gallimard, 2016.

MAZON, Brigitte. *Aux origines de l'École des hautes études en sciences sociales. Le rôle du mécénat américain (1920-1960)* (préface de Pierre Bourdieu, postface de Charles Morazé), Paris, Éditions du Cerf, 1988, 190 p.

\_\_\_\_\_. *La Fondation Rockefeller et les sciences sociales en France, 1925-1940*. In: *Revue française de sociologie, La sociologie française dans l'entre-deux-guerres. Etudes et documents réunis par Philippe Besnard*. 1985, 26-2. pp. 311-342;

MEAD, Margaret. *The Salzburg Seminar on American Civilization 1947* (Report by Margaret Mead to the Harvard Student Council). Disponível em: [https://www.salzburgglobal.org/fileadmin/user\\_upload/Documents/General\\_SGS\\_Documents/1947\\_MeadArticle.pdf](https://www.salzburgglobal.org/fileadmin/user_upload/Documents/General_SGS_Documents/1947_MeadArticle.pdf)

MILLS, C. Wright. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

NETTELBECK, Joachin. *Mission possible - Clemens Heller und das Salzburg Seminar*. *Zeitschrift für Ideengeschichte* Heft XI/4 Berlin, Winter 2017, pp. 122-127

PLESKOFF, Isabelle. *Hommage à Clemens Heller (1917-2002)*. [www.archivesaudiovisuelles.fr/115/textes/t\\_Pleskoff.htm](http://www.archivesaudiovisuelles.fr/115/textes/t_Pleskoff.htm) Acesso em 04/05/21

Rockefeller Foundation. *The Rockefeller Foundation Annual Report J7 1948*. (Printed in the United States of America 2003).

Salzburg Global Seminar. *Foundation of the 'Salzburg Seminar*. Disponível em: <https://www.salzburgglobal.org/about/history/foundation-of-the-salzburg-seminar> Acesso em 22/04/2021

\_\_\_\_\_. *1947 - The Beginnings of Salzburg Global Seminar*. <https://www.salzburgglobal.org/about/history/foundation-of-the-salzburg-seminar> acesso em 22/04/2021

SMITH, Henry Nasch. *The Salzburg Seminar*. *From American Quarterly*, 1, 1949, pp. 30-37. Disponível em: <https://www.salzburgglobal.org/about/history/articles/american-quarterly-article-1949>. Acesso em 22/04/2021

*The Harvard Crimson*, 06/10/1948. <https://www.thecrimson.com/article/1948/10/6/ang-bans-heller-from-austria-and/> Acesso em 13/05/2021

Recebido em 2021-08-09  
Publicado em 2021-09-01